

Senado Federal

CONGRESSO

Senadores criam grupo suprapartidário, com perfil de centro-esquerda, para pressionar o governo. Cristovam destaca que os parlamentares não ficarão “submetidos ao cabresto” do Palácio do Planalto

José Varella 29.6.04



SERYS (EM PÉ), CRISTOVAM, PAIM, SATURNINO, PÉRES, E SIMON (D), DURANTE ALMOÇO PARA CRIAÇÃO DE UM GRUPO INDEPENDENTE DENTRO DO SENADO: BLOCO NÃO TERÁ COMPROMISSO DE VOTAR DE FORMA SINCRONIZADA

O bloco dos aliados descontentes

RAQUEL ULHÔA
DA EQUIPE DO CORREIO

Asituação do governo Luiz Inácio Lula da Silva nunca foi fácil no Senado, onde não tem maioria parlamentar tranquila e enfrenta uma oposição forte. Mas dias piores certamente virão. Insatisfeitos com a gestão petista — especialmente com a falta de diálogo com o Congresso, o descumprimento de acordos e os rumos da política econômica —, um grupo suprapartidário de 12 senadores, 11 deles integrantes da base governista, se uniu em um bloco parlamentar informal, que pretende atuar de forma independente do Palácio do Planalto.

Juntos, esses senadores com perfil de centro-esquerda (cinco

do PT, três do PSB, dois do PMDB, um do PL e um do PDT, o único partido entre eles que não integra a base governista) têm potencial para se tornar uma importante força política no Senado, apesar das divergências de opiniões. Dos 12, nove votaram por um salário mínimo de R\$ 275, contrariando a proposta do governo (R\$ 260). A maioria teve divergências em relação à reforma da Previdência e a outros projetos de interesse do governo que tramitam no Congresso.

“Não somos submetidos ao cabresto do governo. Um descabrestado sozinho é um cavalo doido. Mas, se põe dez, vira uma manada equilibrada, organizada”, afirmou Cristovam Buarque (PT-DF), um dos idealizadores do grupo, ao lado de Pedro Si-

OS 12 SENADORES

Cristovam Buarque (PT-DF)	Serys Shlessarenko (PT-MT)
Jefferson Péres (PDT-AM)	Saturnino Braga (PT-RJ)
Pedro Simon (PMDB-RS)	João Capiberibe (PSB-AP)
Paulo Paim (PT-RS)	Geraldo Mesquita (PSB-AC)
Ramez Tebet (PMDB-MS)	Antonio Carlos Valadares (PSB-SE)
Flávio Arns (PT-PR)	Magno Malta (PL-ES)

mon (PMDB-RS), Jefferson Péres (PDT-AM) e Paulo Paim (PT-RS).

Todos negam que seja um bloco de confronto ou de oposição ao governo, e deixam claro que não existe o compromisso de votar de forma sincronizada. Exploram que o objetivo é refletir sobre propostas legislativas e ações do

Parlamento e do Executivo e, somente quando for possível, votar em conjunto.

Eles decidiram se revezar na tribuna na defesa de seus pontos de vista, discordantes ou não do Palácio do Planalto. A maior bancada do Senado é do PMDB, com 22 integrantes. Depois, vêm o PFL

(17) e o PSDB (12), que formam o Bloco Parlamentar da Minoria. O Bloco de Apoio ao Governo tem 19 senadores (13 do PT, três do PSB e três do PTB). Em seguida, vêm o PDT (cinco) — de oposição — e o PL (três) e o PPS (três), partidos que apóiam o governo. Há, ainda, Heloisa Helena (PSOL-AL).

Reeleição

O grupo não elaborou sua pauta de discussão, mas um dos temas polêmicos deverá ser a proposta de emenda constitucional que permite a reeleição dos atuais presidentes da Câmara, João Paulo Cunha (PT-SP), e do Senado, José Sarney (PMDB-AP), em fevereiro de 2005, para novo mandato de dois anos. Numa primeira votação, a Câmara derrubou a proposta, mas existe a possibili-

dade de o assunto voltar à pauta.

Se depender da maioria desse bloco de senadores que se dizem independentes, a emenda não passa. Um núcleo importante do grupo considera casuísmo aprovar a reeleição para beneficiar os atuais ocupantes do cargo. Por outro lado, o mesmo núcleo é contra a eleição do líder do PMDB, Renan Calheiros (AL), para a vaga de Sarney. O líder tem a pretensão de ser o futuro presidente do Senado e é contrário à tese da reeleição.

Senadores do bloco defendem nomes alternativos do PMDB, como Simon ou Ramez Tebet (PMDB-MS), também integrante do grupo. Alguns não descartam a opção pelo tucano Tasso Jereissati (CE), que poderia unir o PSDB e boa parte do PFL.